



## RESUMOS

### **La noción de lo contemporáneo. Una mirada desde la América Latina**

La contemporaneidad es discutida a partir de su significado polisémico. Se abordará la relación entre contemporaneidad y presente histórico y se defenderá la idea de la multiplicidad temporal como una forma de defender la pluralidad de contemporaneidades a partir de la pregunta ¿de qué y de quién(es) somos contemporáneos? En una segunda parte, se analizarán los aportes teóricos que, desde el sur del mundo y en especial desde América Latina, permiten abordar a los mundos sociales e históricos a partir de miradas que intentan un des-centramiento de una contemporaneidad que se presenta como única y hegemónica.

**Guadalupe Valencia García**

*Universidade do México*

### **Care crisis and its temporal features: embodied time, moral time and political time.**

Communication aims to provide a reflection on some of the temporal features that characterize the dynamics of domestic-familiar sphere in our Western society regarding, in particular, the distribution of domestic and care work. The analytical framework in which reflection is situated is care crisis and the tool used for the analysis, *time donated*. It deals therefore care crisis from the perspective of donated time. The donated time refers to a *time-resource* that operates on a different logic (not necessarily opposite) to the quantification and commodification. The gift works based on unspoken rules that involve a circular relationship of reciprocity rests on the obligation of giving, receiving and returning. Such a look offers the possibility to study not only the material dimension of domestic and care work time (its unequal distribution) but also its moral dimension (*duty, moral time*) and the political ones (*power relations, appropriation of time*). Further more, in the domestic-familiar sphere it is the life cycle (*embodied time*) which largely determines the patterns of relationship (when is the right time to give, receive and return domestic and care work time). The care crisis implies questioning the principle of reciprocity which shows the interrelation of the various temporal dimensions shaping the gift. At the methodological level we have opted for the complementarity between distributive (quantitative) and structural (qualitative) approaches. Thus, in our research we have used data from Time Budget Survey of the Basque Institute of Statistics-Eustat (1993-2013) and the material produced by qualitative research conducted with groups. Through analysis, we have identified four discursive positions around the gender assignment of housework and care (identification, reinvention, problematization and reassurance), according to the distribution of time and its significance, moral or political. In this context, the relevance of paying attention to the embodied dimension of time comes to light mainly related to two aspects: first, the connection between biological rhythms, body and dynamics of social life and, secondly, the allusions to the life cycle (reproductive age and old age).

**Matxalen Legarreta Iza**

*Universidade do País Basco*

### **Os tempos da festa como performance ritual dos tempos quotidianos**

Estudiosos do fenómeno festivo referiram-se à festa (nomeadamente à festa popular) como um tempo fora do tempo. Uma espécie de suspensão do tempo histórico, vinculado a espaços e contextos existenciais específicos e precários, não para lhe fugir ou dele se emancipar, mas para relativamente a ele ganhar respiração e distância, ao fazer a experiência dessa episódica e cíclica passagem para um tempo mítico que coloca em relação um tempo genesiaco inicial e um tempo escatológico. Nesta comunicação, proponho-me partir do caso da Festa da Bugiada e Mouriscada, que se realiza em pleno solstício de Junho numa comunidade dos arredores da cidade do Porto e que se encontra presentemente em processo de candidatura à lista de património imaterial da Unesco. Essa festa, que envolve direta ou indiretamente a maioria esmagadora da população local, caracteriza-se morfológicamente por ser um agregado de manifestações de proveniência e natureza diversas e, no que se refere à sua dinâmica e dimensão narrativa, constitui um caso singular de conjugação, diálogo e entrosamento de tempos diversificados. Destacarei dois planos, num primeiro nível de abordagem, de índole descritiva: o tempo *da* festa (carácter cíclico, solsticial, quotidiano, estruturante do tempo comum da existência da comunidade) e o tempo *na* festa (a lenda originária re-presentada cada ano; a releitura da história do diálogo tenso com a cultura mourisca; a crítica aos acontecimentos notáveis ou estranhos do ano; o tempo das culturas agrícolas...). Do ponto de vista da análise interpretativa, procura-se evidenciar a malha de densas relações entre o tempo do quotidiano, o tempo festivo e a memória histórica, pondo em realce dois aspectos em particular: por um lado, a capacidade de 'trabalhar', no registo do ritual, diferentes dimensões dos tempos da existência quotidiana; por outro, a introdução, nessas performances, em modalidade de ironia, riso e sarcasmo, do tempo dos acontecimentos ou situações susceptíveis de abalar ou subverter as relações de poder em que assenta a ordem social local. Rompendo com o tempo 'profano', ordenado e institucional, e adensando-se individual e coletivamente num complexo jogo de tempos sociais diversos, os atores e a própria comunidade participam num processo de re-edificação / reconstrução das identidades e memória colectiva, jogando frequentemente com os tempos e situações de crise.

**Manuel Pinto**

*Universidade do Minho, CECS*

## Sessão A

### **Espaços dentro de sítios e sítios dentro de espaços: O turismo negro como mediador da morte ausente/presente**

A sociedade contemporânea faz esforços, mais ou menos conscientes, para retirar a morte do seu quotidiano. Na Idade Média, e até ao Romantismo, a que a morte era encarada simplesmente como mais uma etapa da vida humana; pelo contrário, nos nossos dias ela é um acontecimento que se esconde e se procura afastar da vivência social diária. Contudo, como seria possível escondermos algo tão poderoso como a morte? A nossa sociedade criou mecanismos que nos permitem lidar com a morte de uma forma em que ela não nos fere diretamente: existem instituições que nos protegem desse contacto direto, sendo uma morte mais suave a que nos chega depois de passar por elas. Neste trabalho procuramos, em primeiro lugar, identificar os elementos que deram origem à atitude contemporânea perante a morte, baseando-nos principalmente nos estudos de Ariès, mas também nas reflexões de Giddens e Stone sobre a morte nos nossos dias. É com base no paradoxo da morte ausente/presente de Stone que nos lançamos numa investigação sobre os meios através dos quais a morte está presente no nosso quotidiano. Para isso servimo-nos dos trabalhos de Durkin e Walter. De seguida, partimos dos estudos de Stone e das considerações de Foucault sobre as heterotopias para explorarmos em maior profundidade o papel do Turismo, em particular o Turismo Negro, como uma dessas instituições mediadoras da morte na sociedade contemporânea. Com base nesta revisão de literatura apresentamos uma reflexão teórica em que defendemos que o Turismo Negro é um dos principais mediadores da morte na atualidade, não só pela facilidade com que pode ser acedido, como também pela sua abrangência, já que engloba um leque variado de atrações que pode apelar a quase todos os turistas. Para além disso, consideramos as atrações de Turismo Negro como locais onde o tempo e o espaço são suspensos, interrompidos e sobrepostos, e onde o visitante projeta as suas representações sobre a finitude e a mortalidade.

**Belmira Coutinho**

*Universidade de Aveiro, CECS*

**Maria Manuel Baptista**

*Universidade de Aveiro, CECS*

### **Ruturas e suturas: anotações sobre a experiência do tempo entre pessoas vivendo com HIV/aids**

Inescapável dimensão da condição humana, o adoecimento é uma das experiências que maiores e mais profundas transformações ocasiona na vivência do tempo (ADAM, 1995). O adoecimento introduz importantes modificações no quotidiano das pessoas adoecidas, afetando sua dedicação ao trabalho, seu papel na família, seus lazeres. Novas rotinas passam a ser incorporadas, incluindo exames, tratamentos e outros procedimentos voltados à cura ou à gestão da doença. Do ponto de vista das subjetividades, a doença reenvia os sujeitos à dimensão corporal da vivência do tempo, forçando uma maior dependência e atenção aos sinais do corpo. O confronto com a própria finitude torna-se, muitas vezes, inevitável. Quando se trata de doenças mais graves, ou socialmente construídas através de “metáforas” terríveis, como é o caso do câncer e da aids (SONTAG, 1984), o diagnóstico costuma provocar rupturas biográficas (BURY, 1982) que arremessam os indivíduos a um terreno de incertezas e pesares. Ocorre um momento de crise violenta que costuma ser superado lançando-se mão de recursos pessoais e sociais. Neste trabalho, tempo e adoecimento serão discutidos a partir de um estudo qualitativo com “pessoas vivendo com HIV/aids”, realizado no Estado da Paraíba, na região Nordeste do Brasil. Os dados fazem parte de uma pesquisa sobre relacionamentos homoafetivos sorodiscordantes para o HIV/aids. Para esta apresentação, foram isoladas as entrevistas realizadas com os sujeitos soropositivos do universo pesquisado. Em suas narrativas, o caráter dramático do descobrimento da soropositividade costuma encobrir outros momentos da própria biografia, como as experiências sociais da vivência de uma orientação sexual não normativa. Em todos os casos, o diagnóstico remete os sujeitos a uma identificação imediata da aids com a morte, reverberando representações da doença que foram criadas na década de 1980. Esse é o momento da rutura, que pode vir acompanhado de atitudes de revolta, de negação da nova rotina preconizada pelos serviços de saúde e, em última instância, de denegação da própria condição sorológica. Boa parte dos sujeitos, contudo, termina por reorganizar seu quotidiano e ressignificar a doença, incorporando novos objetivos de vida. Na fase das suturas, além dos recursos individuais, tornam-se fundamentais os apoios recebidos: as redes familiares, os grupos de amigos e, por fim, os sistemas expertos ao redor da doença – sistema de saúde, grupos de apoio e organizações não governamentais, que fazem parte da chamada “resposta brasileira à aids” (BIEHL, 2005). A partir do exemplo escolhido, vemos que o adoecimento é um fenómeno-síntese que põe em cena elementos objetivos e subjetivos da vivência do tempo, bem como articula diversos regimes temporais - tempo familiar e do trabalho *versus* o tempo “médico”. Emerge, deste modo, como uma importante chave para o estudo das fases, das crises, das ruturas e das suturas que conformam os tempos sociais na contemporaneidade.

**Mónica Franch**

*Universidade Federal da Paraíba*

### **A mediação tecnológica do tempo livre e do tempo do trabalho: contribuições para uma Teoria Crítica em tempos escassos**

O desenvolvimento globalizado da tecnologia acalentou, no decorrer dos últimos séculos, a esperança de liberação do homem da labuta, através da automação do trabalho, com consequente expansão do seu tempo livre. Esta seria a condição de possibilidade para o desenvolvimento das potencialidades individuais, para a conquista da emancipação humana e da felicidade. Atualmente vive-se um tempo em que a tecnologia, sob os efeitos da informática, alcançou níveis exponenciais de crescimento, produzindo uma compressão do espaço e do tempo, que possibilita a automação do trabalho e a realização de tarefas humanas de forma simultânea e sem fronteiras sem, entretanto, ter cumprido as promessas emancipatórias. Ao invés, observa-se uma crescente invasão da lógica produtivista do trabalho no âmbito do tempo livre, com sérias implicações para a liberdade humana, principalmente nos grandes centros urbanos, em que predominam a experiência subjetiva de constante escassez de tempo, ao lado das excessivas demandas por eficiência e alta *performance* laboral, resultando muitas vezes em crises de esgotamento, *burn out* e depressão. Neste contexto, o presente artigo propõe contribuir para as atuais reflexões psicossociais sobre a crise que assola a contemporaneidade no que concerne a experiência de aceleração do tempo na modernidade tardia, abordando a temática da regulação do tempo livre e do tempo de trabalho como uma nova forma de controle social. Investiga, a partir dos teóricos da Escola de Frankfurt, as implicações psicossociais das novas formas de interseção entre “Tempo livre” e “Tempo de Trabalho”, tendo por pressuposto que a atual proeminência do primeiro sobre a temporalidade laboral somente ocorre porque o tempo livre se tornou um tempo de produção, viabilizado por três instâncias, a serem analisadas, a saber: o consumo fetichizado, a indústria cultural e as novas tecnologias informatizadas. Considerando-se que as facilidades auferidas, principalmente pelos novos recursos tecnológicos, deveriam dar subsídios para a diminuição do tempo de trabalho e maior desfrute do tempo livre reflete-se ainda acerca do atual paradoxo entre a incessante aceleração tecnológica e a crescente escassez de tempo vivenciada pelos indivíduos, apresentando as principais estratégias de invasão da lógica produtivista sobre o tempo livre e possíveis implicações no processo processo de libertação/controlado do indivíduo contemporâneo.

**Maria de Fátima Vieira Severiano**

*Universidade Federal do Ceará*

### **Os tempos da precariedade e a política social atual. Contornos de uma “biopolítica” contemporânea face a um tempo social fractal**

Na comunicação proposta pretende-se discutir as conexões e paradoxos entre o(s) tempo(s) do que poderíamos apelidar de ação social biográfica, que tende a constituir-se como um eixo estruturante das políticas sociais contemporâneas, e as temporalidades do social, sujeitas a referências de incerteza e de precariedade. A referência à subjetividade, como eixo estruturante das políticas e práticas atuais, consagra a valorização do sujeito no processo de condução e construção de si mesmo, num percurso pessoal e social marcado pela autenticidade. Dito de outro modo, subjaz ao conjunto de práticas e de orientações normativas centradas no trabalho de autoprodução e de auto-apropriação, de cada sujeito e das suas vivências e trajetórias pessoais, sociais e profissionais (reflexão que apela à revisitação da noção de biopolítica de Foucault). Neste contexto, ganham relevância novos universos semânticos (empowerment, competência, contratualização), profissionais (acompanhamento, protocolos, activação, motivação, avaliação) e morais (confiança, reconhecimento), plenamente enraizados em vias renovadas de experimentação social e política, nas quais a incitação à autonomia tende a ocupar o espaço da retórica da proteção. Destarte, fundamenta-se uma “tecnologia política dos indivíduos”, destinada a assegurar a permanência das presenças e fundamento do sofrimento atual. Afirma-se assim uma ação sobre as temporalidades nas quais se encontram inscritos os sujeitos, de modo a estabelecer a correspondência às temporalidades do social. As políticas sociais de inserção e acompanhamento social têm-se baseado na construção desta congruência dos tempos individuais e colectivos o que as transforma numa espécie de instâncias de formatação de ciclos de vida. Hoje porém emerge um novo dado, a descoordenação dos tempos e as trajetórias incertas, apelando a uma reflexão profunda sobre os tempos das políticas sociais posicionados no paradoxo do tempo vivido pelo indivíduo, na base das narrativas biográficas, e a necessidade de as enquadrar num tempo objetivado de temporalidades difusas e incertas.

**Cristina Albuquerque**

*Universidade de Coimbra, CES*

### **As ruas da cidade e os tempos de crise: exercício de leitura**

Em finais de século XIX, início do século XX, Walter Benjamin deambulava pelas ruas de Berlim, Paris, Nápoles e mesmo Moscovo, procedendo a uma espécie de microanálise da paisagem urbana de então. O fulgor da modernidade operava nessa altura profundas transformações na paisagem. As vitrines, a publicidade exterior e a moda pintalgavam de euforia o espaço público, encenado para uma nova experiência, isto é, a experiência do ócio e do consumo. *O Homem da Câmara de Filmar*, de Dziga Vertov, e Berlim, *Sinfonia de Uma Grande Capital*, de Waltherr Ruttmann, ilustram a perfeição a vida urbana nas metrópoles na moderna Europa. Estabelecendo uma analogia entre os percursos pedestres e os actos de fala, também Michel de Certeau (*The Practice of Everyday Life*) propõe a leitura do texto urbano, no caso como modo de os indivíduos afirmarem as suas práticas de enunciação através do livre exercício de circulação no espaço público. É no quadro de uma tal problemática epistemológica que proponho com a presente comunicação um exercício de observação e análise semiótica, tendo por estímulo as ruas de uma cidade contemporânea em contexto de crise europeia, no caso em Portugal. Os princípios da análise do espaço (Gaines), assim como a noção de ritmanálise (Highmore), entre outros contributos, serão tidos em conta para efeitos de metodologia de análise. Em particular, será considerado o papel da arquitetura, da vitrine e do letreiro comercial, na textura orgânica da paisagem urbana. Interrogar o tempo actual, simultaneamente na sua resiliência e transitoriedade, a partir das múltiplas configurações visíveis que na paisagem se denunciam, é o propósito último desta proposta.

**Helena Pires**

*Universidade do Minho, CECS*

### **Na emergência das crises: ruturas no processo de interação escolar de crianças brasileiras imigrantes em Londres**

Inserida entre os principais temas da modernidade, as crises emergem como marcos decisórios sobre diversas transformações observadas na contemporaneidade. Delimitamos o conceito de crise, aqui, enquanto percebida por meio de macro e micro-ruturas observadas na sociedade ao longo de sua história. Entre as micro-ruturas destacamos as ocorridas no fluxo migratório de populações humanas impulsionado por diferentes fases econômicas, caracterizadas, em grande parte, no cerceamento de cidadania em território estrangeiro em troca da manutenção de condições materiais de existência. No curso das migrações potencializadas com a crescente globalização, a Inglaterra aparece em estudos como o país de maior concentração de brasileiros em busca de melhores condições de vida. Há entre eles os que levam consigo filhos ainda crianças e em idade escolar. Nesse âmbito, questionamos sobre impactos das trajetórias transnacionais de crianças brasileiras em suas dinâmicas relacionais no contexto escolar britânico. Com o propósito de compreender suas condições de convivência, resistência ou superação, utilizamos o estudo de caso etnográfico, por constituir abordagem metodológica que privilegia a imersão no terreno da pesquisa para além das aparências e satisfazer a nossa perspectiva teórica de valorização da relação entre espaço e tempo histórico na compreensão dos fenômenos sociais. Como princípio ético adotado na recolha, análise e interpretação dos dados, buscamos o consentimento informado, a coparticipação e a multivocalidade com as crianças investigadas. Dos resultados parciais constantes da segunda de uma série de seis etapas propostas em nosso estudo longitudinal, destacamos nesta publicação a observação do desenvolvimento de diferentes estratégias adotadas por crianças no enfrentamento às suas crises no período de interação escolar, oportunizadas por mecanismos institucionais destinados a busca de superação dos impactos das imigrações no país. Possíveis fraturas e ou ruturas decorrentes de descontinuidades temporais no curso de suas vidas, quando não resultam em superação, desvelam-se em atitudes das menos extremas, como mentiras, à exacerbações, como autoflagelação. Esperamos que o presente estudo possa contribuir nas discussões sobre as crises, fases e ruturas a partir da perspectiva da Sociologia da Infância, que toma a criança enquanto protagonista na interpretação de sua experiência subjetiva, social e discursiva.

**Denise Hosana de Sousa Moreira**

*Universidade Estadual do Piauí*

*Universidade do Minho*

**Elânia de Fatima Schimidt Mullahy**

*Open University*

### **A mudança na legislação trabalhista que regula a relação entre patrões e empregadas domésticas no Brasil: rupturas temporais podem influenciar aspectos da estrutura social?**

O Brasil tem hoje o maior contingente de empregadas domésticas do mundo, sendo muitas vezes identificado como “o país das domésticas”, as quais asseguram a realização da maior parte do trabalho doméstico nos lares das famílias de classes médias no país. Uma nova legislação trabalhista, denominada “PEC das domésticas”, promulgada pelo Congresso Nacional em abril/ 2013, esteve na pauta das principais revistas, jornais de notícias e blogs no país nas semanas que se sucederam ao anúncio de sua votação. Esta nova legislação trabalhista, que tem por objetivo, entre outros, regulamentar melhor as relações trabalhistas entre patrões e empregadas domésticas no Brasil, provocou a emergência de reações no espaço público com forte conteúdo emocional, polarizadas, antagônicas e, em certos casos, radicais e apocalípticas. Através deste estudo procurou-se analisar, de maneira específica, os discursos que discutem a reorganização da temporalidade das famílias brasileiras a partir desta nova legislação, atribuindo a esta o poder de alterar aspectos da estrutura social no Brasil. Enquanto alguns veículos midiáticos aventam a possibilidade de que a nova legislação cause um genocídio trabalhista de pobres e excluídos no país, com a demissão em massa de empregadas domésticas, outras reportagens de jornais/ revistas semanais de notícias afirmam que a nova lei em questão tem força semelhante à da libertação dos escravos há quase 125 anos atrás e que representaria a ruptura com o modelo da “casa e senzala” em vigor no Brasil desde a época colonial. Partindo-se do pressuposto de que mudanças na temporalidade podem servir como paradigmas de transformações sociais (Roger Sue, 1995) e da compreensão de que o tempo é um parâmetro fundamental na dinâmica de reconhecimento social (Giuliana Mandich, 2005), pergunta-se: até que pontos as reconfigurações temporais supostamente determinadas pela nova legislação trabalhista podem fornecer novos indicadores de status e de poder na sociedade brasileira, alterando as esferas de inclusão/exclusão nas relações entre patrões e empregados no espaço doméstico e social? A partir de uma análise de conteúdo centrada nos principais veículos de comunicações e de informação existentes e que foram criados para dar conta da nova realidade, propõe-se a avaliar, sob a ótica da temporalidade, como os discursos que se contrapõem, que se reforçam e que se contradizem, vislumbram as mudanças na estrutura social do país a partir da reorganização da temporalidade das famílias brasileiras impostas pela nova legislação trabalhista.

**Rafaela Cyrino**

*Universidade Pontifícia Católica de Minas Gerais*

### **Dos diários privados aos blogs: uma expressão continuada de intimidade reflexa**

A questão principal que nos propomos tratar na presente comunicação prende-se com o processo da “escrita de si”, a forma e o modo como se tem modificado ao longo dos tempos.

Tratando-se de uma prática antiga, difusa nas origens como as demais expressões de cultura, em que o autor escreve sobre si, a sua própria vida, os seus sentimentos, o seu pensamento, enfim, em que o escritor é o sujeito da própria narrativa, os seus primórdios, tal qual hoje os reconhecemos, situar-se-ão entre o fim da Idade Média e o princípio da Idade Moderna. No despontar da Modernidade foram-se configurando dois campos claramente delimitados: o espaço público e o espaço privado. Os novos ambientes íntimos, em geral burgueses, que começaram a proliferar ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, contribuíram para que este processo de escrita introspectiva se tornasse numa prática habitual, na qual destacaríamos como seu maior exemplo, o diário íntimo e pessoal. Com o início da era digital no fim do século XX assistiu-se desde logo a uma rutura profunda nos modelos globais de comunicação escrita, com impactos previsíveis no surgimento de uma nova modalidade de escrita de si – os diários virtuais publicados em blogs na internet. De que forma assistimos à passagem do diário de papel para o mundo on-line? Será que assistimos à morte anunciada dos diários íntimos nas últimas décadas do século XX? Estaremos perante um fenómeno de continuidade, de simples adaptação contemporânea das velhas práticas, ou deveremos antes sublinhar a descontinuidade perante a especificidade de novas formas e modos de expressão de intimidade reflexa? E, no entanto, os diários íntimos e blogs não são, de fato, a mesma coisa. Mas quais serão realmente as diferenças principais no domínio da sua relação com o espaço e o tempo? Confrontaremos um estudo de caso de um diário íntimo escrito entre 1787 e 1810 pertencente a um arquivo privado e alguns blogs da atualidade que, pelo *modus faciendi*, melhor se aproximem desta finalidade. Pretendemos, pois, através desta análise, pela qual ensaiaremos a hermenêutica do problema através dos contributos teóricos de Foucault, Lipovetsky, Augé, Bauman, Arendt ou Debord, comparar os diários íntimos e privados da Modernidade com os diários publicados na Internet na Pós-Modernidade. A partir daí procuraremos entender as transformações operadas na noção de intimidade existencial reflexa.

**Ana Macedo**

*Universidade do Minho, CECS*

### **O tempo da crise: uma análise da imprensa escrita**

A nossa comunicação pretende evidenciar a contradição existente entre o carácter cíclico das crises económicas e o carácter linear das explicações das mesmas, propostas pelos jornalistas, economistas, políticos e sociólogos. Para esse efeito, analisaremos artigos da imprensa escrita, oriundos de 30 jornais europeus e norte-americanos. A imprensa escrita reflete, de forma redundante e obsessiva, as mais diversas opiniões sobre as causas da crise, as suas consequências e os meios de a combater. Na explicação da crise prevalece o princípio da monocausalidade: o endividamento estatal e a falta de competitividade e de produtividade. Este princípio permite compreender também o unilateralismo das soluções propostas: a implementação de políticas orçamentais restritivas para combater o excessivo endividamento, sendo que esta solução se aplica de forma unilateral aos países do Norte e do Sul da Europa. Do ponto de vista narrativo, o discurso mediático atual desempenha o mesmo papel que os mitos e as teodiceias da Antiguidade e da Idade Média. À adversidade originária, isto é, à bolha imobiliária, ao endividamento das famílias e dos Estados, é contraposta uma finalidade última, o equilíbrio orçamental e o crescimento, sob a forma de um destino que adopta a forma de um combate e de uma vitória sobre as forças do mal. O combate contra as forças maléficas (os mercados, os bancos-casino, as aves de rapina da finança internacional) inscreve-se na trama da vida e encena heróis que, de maneira épica, como dizia Barthes, são sacrificados pela austeridade, à semelhança do povo, ou se sacrificam, à semelhança dos políticos repletos de virtude, que tomam medidas impopulares. Os economistas, constantemente solicitados pelos jornalistas, gozam de uma aura comparável à dos oráculos. Os novos profetas chamam-se Roubini, Stiglitz, Krugman, Attali, etc. Descodificam os designios da mão invisível dos liberais, à semelhança dos mitos romanos que ofereciam uma leitura das vontades das Parcas ou dos teólogos medievais que decifravam o plano divino. Desabrocha, assim, uma nova linguagem, obscura e mágica, e alguns números tornam-se referências absolutas e últimas em matéria de salvação (3% de défice, 60% de dívida pública). Através dos artigos de imprensa está a desenhar-se uma ordem simbólica da crise financeira. Uma ordem que dita os modos de dizer, de pensar e de agir para sair da crise. Uma ordem que se alimenta do imaginário prometeico e que pensa dominar o mal, o perigo, o imprevisto, a queda, opondo-lhe antíteses, como o bem, a segurança, a antecipação, o crescimento.

**Jean-Martin Rabot**

*Universidade do Minho, CECS*

**Mafalda da Silva Oliveira**

*Universidade do Minho, CECS*

### **Casamentos e Funerais: notas sobre temporalidade, efervescência colectiva e liminalidade na construção social da família contemporânea**

Sob a capa de uma aparente linearidade, cruzam-se no calendário familiar tempos “normais” e “diferentes”. No dia-a-dia, mas principalmente nas tradições e celebrações familiares, momentos “importantes” ou “especiais” irrompem do quotidiano e ajudam à construção social da família. Como é que estes momentos simultaneamente estruturam e resultam das diversas temporalidades internas e externas à família? Na sua antecipação, experiência e memória, de que modo são percebidos e discursivamente construídos pelos indivíduos? Na resposta a estas questões socorremo-nos da literatura científica que enforma o estudo das práticas familiares (Morgan, 1996, 1999, 2011), em particular os rituais familiares (Bossard & Boll, 1950; Wolin & Bennett, 1984; Imber-Black & Roberts, 1993). Metodologicamente, apoiamo-nos numa investigação sociológica de tipo qualitativo-intensivo dedicada ao estudo dos rituais familiares na contemporaneidade. A partir de um conjunto de narrativas de homens e mulheres recolhidas através de entrevistas de episódio (Flick, 1997), posteriormente submetidas a uma análise de conteúdo com recurso a *software* de análise qualitativa (*NVivo*), centramo-nos especificamente sobre os dois rituais familiares tradicionalmente conceptualizados como ritos de passagem (van Gennep, 1909), e que estão por detrás da máxima popular “há pessoas que só se encontram em casamentos e funerais”. A análise e discussão dos resultados obtidos permite concluir que aquando de casamentos e funerais, a anormalidade do episódio vivido, que agrega em graus substancialmente distintos do que acontece no quotidiano a família alargada, amigos, colegas e conhecidos num momento de “efervescência colectiva” (Durkheim, 1912), dá visibilidade a um estado intermédio, quasi-liminal na acepção de Turner (1967, 1969). O dia do casamento, caracterizado pela circunstância excepcional da festa em que os nubentes se transformam em “príncipes” e “princesas” por um dia, como também a ocasião que envolve toda a cerimónia e exéquias fúnebres associadas à morte de um outro significativo reforçam o carácter liminal de fases da vida específicas. A efemeridade da inclusão temporária numa família alargada, de contornos fluidos, distante, e até certo ponto desconhecida e “estranha” (Gillis, 1996), que logo após se dissipa, possibilita aos indivíduos o regresso aos dias normais, à banalidade e invisibilidade do quotidiano. Já a descontinuidade do tempo ganha visibilidade na delimitação e (re)definição das fronteiras da família (pela inclusão de novos membros no primeiro caso e subtração no último), e na construção social da história e identidade da familiar, para o que contribui grandemente a memória episódica e icónica que estes grandes organizadores do tempo familiar ajudam a consolidar.

**Rosalina Costa**

*Universidade de Évora, CEPESE*

### **(Re)Configurações das Redes: a Importância das Famílias Anónimas no Curso de Vida**

No contexto do projeto de pesquisa realizado para provas de mestrado, anteriormente concluído, estudámos as famílias de pessoas com adições (Famílias Anónimas) e propusemos melhor conhecer as transformações das redes ao longo do seu curso de vida (Elder, 1975, 1977, 1998). Fizemos interagir as teorias da individualização (Beck, 1992, 1997, 2001; Beck, Giddens & Lash, 2000; Burns & Flam, 2000; Giddens, 1988, 1989, 1991, 2007; Lash, 2000; Zimmerman & Rollner, 1990) com as teorias das redes sociais (Bourdieu, 1980, 1989, 1997; Coleman, 1988, 1990; Portugal, 1995, 2006, 2007a, 2007b; Putnam, 2000; Putnam & Feldstein, 2003; Vasconcelos, 2002, 2005; Widmer, 2006, 2010). Seguimos uma metodologia qualitativa ancorada em observação direta e participante nas sociabilidades destes indivíduos – durante oito meses – nas reuniões de Famílias Anónimas e fora destas. Para além disso, realizámos 16 entrevistas semidiretivas, que terminaram sob a forma de histórias de vida. Através do uso deste manancial teórico e metodológico, construímos uma tipologia das (re)configurações das suas redes. A comunicação que me proponho fazer ao Congresso aborda as principais conclusões do estudo realizado e a tipologia das (re)configurações das redes (reconfigurações de estigmatização, contingentes, de padrão mantido e de vinculação forte). Aferimos não somente como estes indivíduos reconfiguraram as suas redes, mas também qual foi o papel das Famílias Anónimas nestas (re)configurações. Os capitais económicos, culturais e sociais foram fatores de ponderação. Numa conjuntura de crise, com a consequente falência do estado-providência (Commaille, 1996; Commaille & Singly, 1997; Commaille & Martin, 1998; Kaufmann, 1996; Sorlescu, Ivanescu & Ivanescu, 2010), saltou à vista a importância dos apoios informais de certas comunidades de indivíduos. As Famílias Anónimas, grupos de autoajuda para familiares de aditos, constituem um exemplo de redes sociais que apoiam alguns indivíduos e que têm um papel essencial na sua coesão e integração social. Estas formas de sociabilidades primárias vêm, muitas vezes, substituir funcionalmente o estado-providência (Coleman, 1990; Hespanha, 1993; Santos, 1993), fazendo concluir que os indivíduos não estão sós na sua biografia ou vivendo uma vida de si próprios (Beck, 2001), em vez disso vivem numa sociedade em rede (Castells, 2002) e o seu curso de vida é engrandecido por isto (em pequena, média ou larga medida).

**Carla da Silveira Ramos**

*Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE*

### **Tempo, incerteza e fragmentação: aporias do sujeito esmagado**

Ultrapassados, e rejeitados, os padrões circulares de reprodução das estruturas temporais, a condição moderna passou a orientar-se pelos valores da mudança e do progresso. A contemporaneidade, contudo, tem vindo a distanciar-se da ordem organizada de acordo com os princípios da unidade e da linearidade e elege os elementos estruturantes a incerteza, a flexibilidade e a fragmentação. Num quadro de grande inconsistência e ambivalência das estruturas económicas, políticas e sociais, os sistemas associados ao trabalho e ao consumo assumem configurações agressivas que colocam o indivíduo sob a injunção de se refazerem como seres plásticos e disponíveis para a encenação quotidiana da renovação permanente.

Partindo da reflexão produzida por Pierre Bourdieu, Rainer Zoll, Richard Sennet e Zygmunt Bauman, entre outros autores, este trabalho propõe-se argumentar acerca da alienação temporal que decorre dos processos de fragmentação e disrupção que cercam o indivíduo nas esferas pública e privada da sua vida. De acordo com este pressuposto, serão analisados os efeitos da *sociedade líquida* nas bases societárias da organização produtiva e económica, particularmente na crise de sentido no mundo do trabalho e no malogro ético no mundo da economia. Correlativamente, serão também abordados os campos do consumo, do lazer e da espiritualidade, na tentativa de expor a ansiedade agonística que percorre as práticas de aquisição e de evasão e o modo como na vida espiritual se acomoda a segmentação entre a fé e o mundo.

Num contexto de intensa aceleração e liquefacção, serão especialmente consideradas, nesta comunicação, as metamorfoses induzidas no sujeito contemporâneo, desde logo as que denunciam claras contradições entre a individualização moderna e o esmagamento existencial derivado da desorientação e relativização específicas do tempo presente. Tais metamorfoses são estruturalmente produzidas pelo estilhaçamento da dimensão temporal da vida humana nas sociedades avançadas, que congela a vida num eterno tempo presente, indiferente já tanto à rotina quanto ao acontecimento.

**Joaquim Costa**

*Universidade do Minho*

**Rita Ribeiro**

*Universidade do Minho*

### **Inestabilidad laboral e expectativas de futuro: la continuidad biográfica de los jóvenes adultos**

Esta comunicación presenta parte de los resultados de una investigación centrada en las consecuencias que provocan la inestabilidad y la precariedad laboral sobre la continuidad biográfica de los jóvenes adultos. El estudio se lleva a cabo mediante el análisis de los que consideramos son los dos espacios de continuidad/discontinuidad biográfica más significativos: el espacio de conexión entre el pasado y el presente y el espacio de conexión entre el presente y el futuro. Para acceder a ambos espacios, proponemos estudiar las expectativas de futuro de estos jóvenes, analizando, por una parte, las expectativas de futuro que construyeron en el pasado y, por otra, las expectativas de futuro que construyen en el presente. Los principales resultados producidos a través de veinticuatro entrevistas en profundidad nos mostrarán que los niveles de continuidad entre pasado y presente y presente y futuro de estos jóvenes dependerán del nivel de distanciamiento que muestren frente a las pautas de socialización biográfica que recibieron en el pasado y el control que demuestren frente a la incertidumbre que rodea a sus futuros. El cruce de ambos ejes (distanciamiento y control) nos permitirá proponer cuatro perfiles ideales de continuidad biográfica: las biografías de éxito, las biografías de espera, las biografías descontroladas y las biografías arriesgadas.

**Izaskun Artegui Alcaide**

*Universidade do País Basco*

### **A “Rehab” da Palavra**

É difícil, para não dizermos inimaginável, entendermos a vida humana sem o contacto e sem que sofra, mesmo que inconscientemente, a influência da canção, ou seja, da palavra dita com melodia e em ritmo. Como auxílio comunicacional, na união performativa da música e da palavra, a canção assume na contemporaneidade a maior relevância, quer na convivência inter-pares, quer como companhia quando se está aparentemente, ao dar-se maior atenção à música e à imagem, na actualidade a palavra surge secundarizada. Este fenómeno retira o equilíbrio exigível ao conjunto de música, palavra e imagem, indispensável na sua contribuição para a harmonia interior do Homem e das relações sociais. Com esta comunicação pretendemos analisar o impacto da canção na sociedade globalizada. A música, sobretudo a cantada em forma de canção e que é aqui versada, acompanha sempre o dia-a-dia de qualquer Ser Humano pelo que deve ser considerada em todas as suas dimensões, como um veículo de comunicação privilegiado de pensamento e emoções, de vivências e experiências, consubstanciando partilha, dádiva e aceitação. Neste sentido, entendemos ser importante um aprofundamento da temática, partindo como pressupostos das definições de Palavra e Canção, para em seguida, tomarmos como exemplo prático a célebre canção/ vídeo-clip “Rehab” de Amy Winehouse. A análise será feita de acordo com os conceitos definidos por Moisés Martins em *Crise no Castelo da Cultura* (2011, 187):

- Trágico
- Barroco
- Grotesco

Pretendemos, pois, lançar um alerta fundamentado à necessidade de reabilitação da palavra. José Mário Branco em entrevista ao Público disse: “*Pertenco a uma geração anterior ao pós-modernismo, em que nós aprendemos que, ligada a qualquer estética, há sempre uma ética. Quando me perguntaram, no princípio dos anos 80, ‘Você é um cantor de Intervenção?’*, eu disse: ‘*Somos todos cantores de intervenção*’. Marco Paulo é um cantor de intervenção. Intervém à sua maneira e eu intervenho à minha. Agora, não me venham dizer que aquilo é neutro. Não há neutralidade possível quando se está a falar para milhares de pessoas. Está ali um tipo a dizer umas palavras, a tomar umas atitudes e, portanto, a transmitir modelos que levam à reprodução do sistema social tal como ele está, ou a colocar em causa esse sistema social e a sugerir pistas, eventualmente erradas. Nunca se vai impunemente para cima de um palco.”

**Maria Joana Alves Pereira**

*Universidade de Aveiro, CECS*

## Sessão C

### **A ordem mundial do início do século XVI e o sistema global do início do século XXI: diferenças e similitudes entre duas fases da narrativa evolutiva da globalização**

Considerando, a partir da teoria de Modelski (2005), dois ciclos longos profundamente marcantes na narrativa evolutiva da globalização, a ordem mundial imposta por Portugal no início do século XVI e o sistema global imposto pelos Estados Unidos no início do século XXI serão comparados à luz de três vetores de análise que, ao entrecruzarem-se, produzem o próprio sentido da experiência de dominação: a economia, a tecnologia e, sobretudo, a comunicação intercultural. As similitudes entre os dois ciclos longos que emergem desta análise comparativa permitem uma melhor compreensão da contemporaneidade em que vivemos: do tempo em que aos estados sucedem as empresas, em que aos transportes sucedem os media (que se renovam com os media digitais), em que às “guerras justas” sucedem as “guerras cirúrgicas”, em que à europeização sucede a americanização e em que aos impérios coloniais sucedem os impérios multinacionais. Parece haver aqui uma reinvenção da própria história, em que algo muda para que a lógica da hegemonia se mantenha inalterada. Por outro lado, da análise das diferenças entre os dois ciclos sobressaem aspetos como a dimensão dos países que os lideram (bem como a dos seus principais concorrentes) e o tipo de crise que os precipita para o declínio. É certo que, em ambos os casos, aspetos políticos e económicos pesam no desencadear da crise. Mas na do presente, mais do que na do passado, a crise toma uma feição cultural. Daí a necessidade repensar a crise do atual episódio da globalização a partir da comunicação entre culturas, ideia postulada por vários autores (e.g. Wieviorka, 2002; Warnier, 2003; Beck, 2006; Canclini, 2007) que a entendem como questão fundamental para que as contradições do nosso tempo possam ser sintetizadas.

**Lurdes Macedo**

*Universidade do Minho, CECS*

**Moisés de Lemos Martins**

*Universidade do Minho, CECS*

### **Critical analysis of transnational capitalism**

This paper aims to analyze the development of capitalism from its beginnings to reach the highest stage in the processes of neoliberal economic globalization and the New Economy version with support of information and communication technologies. In raising this development from a critical analysis, it examines the impacts and effects on individuals, communities and the nation state. Subsequently it is questioned the scope of the imposed transnational neoliberal capitalism model. Finally, it is concluded that it needs a cultural transformation for not accepting the forms of domination, power and alignment of globalizing capitalism and to reconstruct the identity of communities through individual action and asserting collective self-determination, independence and self-management.

**José Vargas-Hernández**

*Universidade de Guadalajara*

### **A brief analysis of the long-run economic consequences of macroeconomic stabilization programmes: the Portuguese case**

This paper explores the long-run consequences of economic policy decisions under stabilization programmes, particularly in the case of Portugal since 1974. The important role of government intervention regarding macroeconomic stabilization must be taken into account during crisis periods, however this role is severely undermined when the government's ability and sovereignty to decide its economic policy is limited by international agreements or by certain targets imposed by international loan programmes. Portugal was submitted to two of such programmes with the supervision of the International Monetary Fund (IMF) in the last 40 years, in 1977 and in 1983. Recently, in 2011, the country was submitted to a new intervention programme with the supervision of the IMF, the European Central Bank (ECB) and the European Commission. Therefore, it is important to analyze the economic consequences of such interventions beyond the period of actual intervention and understand the long-run effects of such stabilization programmes. Moreover, this paper attempts at analyzing the political management of the programmes and its consequent sovereignty loss, particularly regarding the decision-making process of the main contents of the Portuguese fiscal policy and its actual application.

**Luís Beato Nunes**

*Universidade do Minho*



### **A crise da democracia como concepção da rutura social no mundo contemporâneo: implicações das estratégias políticas atuais**

O que é a Democracia? A matéria é controversa e tem sido objeto de muitas interpretações. A democracia é um sistema que envolve a competição efetiva entre partidos políticos que querem ocupar posições de poder. Em democracia há eleições regulares e honestas, em que todos os membros da população podem tomar parte. Estes direitos de participação derivam das liberdades civis: liberdade de expressão e discussão, a que se junta a liberdade de pertencer a grupos ou associações de natureza política. A democracia é o ideal que inspirou a Revolução Americana e a Revolução Francesa, mas durante muito tempo teve poderes limitados. O paradoxo da democracia é que, enquanto esta se expande por toda a parte, como analisamos neste artigo, nas democracias maduras, que o resto do mundo está supostamente a copiar, existe uma enorme desilusão quanto aos processos democráticos. Para Boaventura de Sousa Santos (2002), nas relações sócio-políticas, tem sido defendido que, embora o sistema mundial moderno tenha sido sempre estruturado por um sistema de classes, uma classe capitalista transnacional está hoje a emergir cujo campo de reprodução social é o globo enquanto tal e que facilmente ultrapassa as organizações nacionais de trabalhadores, bem como os Estados externamente fracos da periferia e da semiperiferia do sistema mundial. Na maioria dos países ocidentais os níveis de confiança nos políticos têm vindo a decrescer nos anos recentes. Há cada vez menos pessoas que votam, especialmente nos Estados Unidos da América. Há cada vez mais pessoas, em especial entre a geração mais jovem, que se dizem desinteressadas da política. Segundo Castells (1997), a (re)construção do significado político com base em identidades específicas desafia o próprio conceito de cidadania. No presente artigo propomo-nos analisar a razão que leva os cidadãos de países democráticos a desiludirem-se com governos democráticos, ao mesmo tempo que o sistema está em expansão no resto do mundo e quais os efeitos destas ações na própria democracia. Exigimos o aprofundamento da democracia porque os velhos mecanismos da governação não funcionam numa sociedade em que os cidadãos partilham com os governantes os mesmos meios de informação plena. Nesta comunicação, percebemos uma tendência de descontentamento perante os partidos dominantes que leva a uma crise política dentro do sistema de integração institucional, apesar dos mecanismos construídos internamente para manter o sistema sob o controlo dos partidos já estabelecidos. É de bom criticá-la, mas ela é em primeiro lugar o espelho da nossa sociedade. Ela representa o que há de contestável numa deriva económica da população que, a pretexto de mobilizar os jovens, cria as situações mais artificiais, excita os narcismos e o desejo de competição. Mas exprime também as fraquezas de uma sociedade desprovida de referências, onde a incomunicação nomeadamente entre as gerações precisa da mediação dos jogos para ser ultrapassada. Este nosso mundo, que parece desatinado, não precisa de menos governo, mas de mais governo – e isso é algo que só as instituições democráticas podem proporcionar. Os cidadãos continuam a ser cidadãos, mas não sabem ao certo a que cidade pertencem, nem a quem pertence essa cidade.

**Milton Tiago Vogado Batista**

UC

### **Vivencias del tiempo social: compaginar la participación política, el cuidado y el empleo**

Esta comunicación trata sobre las vivencias del tiempo social en torno a la *triple presencia-ausencia*, es decir, las experiencias de personas que tienen que compaginar de manera cotidiana el empleo o la formación, el trabajo de cuidado y la participación política. En el estudio se ha utilizado una metodología cualitativa a través del análisis de las trayectorias de vida de personas presentes en estos tres ámbitos. Analizar las trayectorias de vida de estas personas permite explorar los significados que les dan al uso del tiempo, en relación a los aspectos materiales, morales y emocionales del tiempo social. El objetivo de esta comunicación es dar a conocer los resultados obtenidos en el estudio sobre la triple presencia-ausencia, siguiendo la perspectiva feminista y utilizando el tiempo como categoría de análisis. El estudio se sitúa en el País Vasco.

**Marina Sagastizabal**

Universidade do País Basco

### **O Tempo da/na Pesquisa: reflexões sobre o caminho investigativo**

Nesta proposta de comunicação apresentamos reflexões de ordem teórica e metodológica acerca do caminho investigativo da pesquisa de doutorado que hora realizamos, com foco sobre os processos identitários juvenis no Projovem Urbano/PB/Brasil. O objetivo do estudo é analisar como as experiências pedagógicas do Programa têm contribuído para a construção dos processos identitários de gênero/raça, a partir do discurso das/dos jovens participantes. Um redirecionamento no trajeto nos fez encontrar a perspectiva das narrativas como uma possibilidade fértil na investigação em Educação. Para o desenvolvimento desta pesquisa temos utilizado o caderno de campo, o gravador e a máquina fotográfica para o registo, a observação e os possíveis discursos relacionados a esses processos. Num momento seguinte nos utilizaremos das narrativas como uma etapa importante para ampliar as informações referenciadas por esses atores sociais. Dentro do campo de alternativas, as entrevistas narrativas configuram-se como instrumento qualitativo precioso para aprofundar a coleta de dados sobre os processos identitários juvenis. Por esta via, os próprios sujeitos jovens poderão nos revelar como vão negociando e construindo seus processos identitários de gênero e raça, a partir das interações que estabelecem no âmbito familiar, comunitário e escolar. As narrativas são estratégias que impõem o olhar mais cuidadoso para a questão do tempo e para a relação deste com o contexto sociocultural onde os sujeitos estão inseridos. No caso do referido estudo, a maioria dos participantes da pesquisa vem da comunidade do Timbó, área de extrema pobreza, incrustada entre bairros de classe média e alta da cidade de João Pessoa-PB, portanto, marcada pelo *"apartheid"* social. As análises desses processos serão feitas à luz dos estudos sobre juventude e sobre processos identitários de gênero e de raça.

**Lígia Luis de Freitas**

Universidade Federal da Paraíba/Brasil

**Mirian Albuquerque de Aquino**

Universidade Federal da Paraíba/Brasil

### **A iniciação científica como fase e a rutura no tempo-destino**

Neste trabalho objetivamos analisar, em perspectiva histórica e comparativa, a política de fomento à pesquisa e desenvolvimento científico no Brasil e em Portugal. Questões norteadoras do estudo: Quais são as políticas de formação inicial de pesquisadores estabelecidas e em implementação no Brasil e em Portugal? Qual a interferência das prescrições inerentes ao Processo de Bolonha na definição da política de Iniciação Científica (IC) em Portugal e suas influências no Brasil (Robertson, 2009)? Qual a relação, no Brasil e em Portugal, da IC com a Pós-graduação, o Ensino Superior, o Ensino Secundário e a Educação Básica? Quais as implicações da redução do tempo institucional para formação de pesquisadores e o tempo social necessário à formação ampliada do investigador? Para isso, realizamos análise documental e de conteúdo (Bardin, 1977) dos: Relatórios Delors (1999); Brundtland (1987) e Bindé (2005) e dos Livros Verde (2001); Branco (2002); e Azul (2010), sendo estes três últimos documentos de política científica do governo brasileiro. Algumas das referências para subsidiar este estudo são: Thompson (1998), Sennett (2006) e Araújo (2006), com referência às mutações das formas de materialização do conceito de tempo nos processos de trabalho e de formação de pesquisadores; Harvey (1993), Mészáros (2006) e Bianchetti (2008) ao abordarem a questão da necessidade do sistema vigente constituir processos permanentes de formação/qualificação, embora aligeirada e de inovação tecnológica com a finalidade de diminuir o tempo de trabalho social necessário; E. O. Shiroma (2003), M. C. M. de Moares (2003), O. Evangelista (2002) e A. Martins (2009), por tratarem do estabelecimento de um novo padrão de sociabilidade e do predomínio do pragmatismo com a consequente desintelectualização do professor/pesquisador. Este análise comparativa (Nóvoa, 2009) entre Brasil e Portugal (Moraes e Pacheco, 2004) tem por finalidade avaliar as semelhanças e diferenças das políticas de aligeiramento da formação de pesquisadores e o destaque para a educação científica e tecnológica, seu impacto na produção do conhecimento e as mudanças provocadas na cultura de pesquisa e nas discrepâncias entre o tempo social e o tempo educacional.

**Adriano Oliveira**

*Universidade Federal de Santa Catarina*

**Emília Araújo**

*Universidade do Minho, CECS*

**Lucídio Bianchetti**

*Universidade Federal de Santa Catarina*

### **A organização do tempo na planificação e no ensino dos conteúdos escolares**

Este texto faz parte de uma investigação no âmbito da dissertação de mestrado, cujo tema principal é "Organização curricular do ensino fundamental e prática pedagógica com alunos do 5º ano em uma escola pública de Salvador, na Bahia, Brasil." A investigação centra-se num Estudo de Caso, onde uma das questões está relacionada com a organização do tempo escolar em relação ao planeamento das aulas, etapa anterior ao ensino, e em relação a concretização dessas aulas, numa perspectiva compreensiva e interpretativa. A proposta metodológica incide na busca de resposta ao como e por que se organiza o currículo no âmbito de sua operacionalização temporal no contexto escolar em causa. Como metodologia de recolha de dados, privilegia a pesquisa documental dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e do Projeto Político Pedagógico (PPP), bem como a entrevista semi-estruturada com a professora do 5º ano e a observação direta de aulas. No tratamento e análise dos dados, adotamos a metodologia de análise de conteúdo. A análise de dados revelou incompatibilidade entre as deliberações legais e a gestão do tempo pela professora. Esta realidade mostra uma discrepância entre o tempo legal e o objetivo e o tempo real e o subjetivo. Tal desconcordância revela, também, a importância do tempo para além da prática pedagógica do professor. Esperamos que este artigo possa contribuir para uma reflexão nesta perspectiva educacional a respeito da importância de se pensar e disponibilizar o tempo necessário com o objetivo de melhor organizar a prática pedagógica e proporcionar, assim, uma educação de qualidade.

**Andréa Silva**

*Universidade do Minho, IE*

**Ana Costa e Silva**

*Universidade do Minho, IE*

### **Do sino ao recreio: etnografando os tempos juvenis em uma escola de João Pessoa**

Este trabalho discute alguns resultados de uma pesquisa em andamento, que tem como objetivo principal compreender como os jovens percebem e vivenciam o seu tempo escolar. A proposta da pesquisa é realizar uma etnografia do cotidiano de uma escola pública situada na cidade de João Pessoa, no Estado da Paraíba (região Nordeste do Brasil). Para a pesquisa, estão sendo utilizadas várias técnicas de coleta de dados, incluindo observação direta, entrevistas formais e informais, questionários, agendas de uso do tempo e histórias de vida. Através da etnografia e de observação participante, descrevo a forma de organização do cotidiano escolar: horários de aula, intervalos, aulas vagas etc. e verifico como esses jovens lidam com as múltiplas temporalidades no horário escolar – o tempo da amizade, da paquera, da aula, das novas tecnologias, entre outros. A relevância desta temática diz respeito às mudanças ocorridas nos últimos tempos em relação ao papel desenvolvido pela escola como instituição que ajuda a promover os projetos de vida dos jovens. Ultimamente, vem ocorrendo o que alguns autores chamam de “desinstitucionalização” da juventude (PAIS, 1996), ou seja, a progressiva perda de importância das instituições como a escola na vida cotidiana dos jovens. Minha intenção principal com este trabalho é de verificar até que ponto isso acontece, sobretudo no que diz respeito ao papel da escola na dimensão temporal juvenil – na organização cotidiana do tempo e na organização do tempo biográfico (“projeto de vida”), (FRANCH, 2008). Nas minhas primeiras observações, se destacam questões como controle, disciplina (FOUCAULT, 1987) e duração (VIEIRA, 2012). Uma das principais preocupações da direção e da gestão escolar é com o controle e com a disciplina, enfim, com a ordem no ambiente escolar. Na sala de aula, tenho percebido que tanto o aluno quanto o professor parece “torcer” para que o tempo (duração) da aula acabe, é como se a aula fosse um tempo de espera, de espera do fim. A maioria dos alunos parece não se interessar pelas atividades. Parece acontecer o que Pais (2003) defende ser um desinteresse pelo modelo escolar imposto. Por outro lado, alguns professores parecem estar cansados dessa situação. As novas tecnologias são um caso a parte, principalmente o uso celular, a maioria dos alunos assisti as aulas ouvindo músicas. O professor quase sempre reclama do uso excessivo do celular. As aulas vagas também são

frequentes nessa escola, enfim, essas são apenas algumas das situações que se apresentam nesse cotidiano escolar.

**Josilene Pequeno de Souza**  
*Universidade Federal da Paraíba*

#### **Perspetivas das crianças sobre os seus tempos: o caso da Escola a Tempo Inteiro**

Debruçando-se sobre o Programa Escola a Tempo Inteiro (ETI), criado em 2006 para as crianças que frequentam as escolas do 1º ciclo do ensino básico, esta comunicação aborda os tempos da vida quotidiana das crianças, cada vez mais dominados pela sua permanência no espaço escolar. É aqui que as crianças vivem hoje uma parte significativa dos seus dias, podendo a jornada escolar durar oito horas e meia e em alguns casos onze horas, preenchidas com actividades curriculares e de “enriquecimento curricular”. Este fenómeno altera profundamente os padrões tradicionais dos tempos sociais das crianças, anteriormente vividos nos contextos familiares e das relações de sociabilidade em espaços informais. Ao determos o olhar na instituição escolar somos compelidos a compreender a forma como esta está organizada, sobretudo no que respeita à gestão dos tempos e à vivência dos mesmos por parte das crianças. Enquanto medida de política educativa, o programa ETI imprimiu novas dinâmicas nos quotidianos das crianças. Compreender o modo como estas vivem este fenómeno de intensificação da jornada a escolar foi o móbil da investigação. Para que a recolha de informações fosse o mais fiel possível, endógena mesmo, seguimos uma metodologia participativa com crianças, ouvindo-as e procurando auscultar os seus interesses. Centraremos esta apresentação nas suas perspetivas relativamente à possibilidade de escolherem entre ter mais ou menos tempo de permanência na escola, o que fariam e como usariam essa liberdade para perceber em que medida se sentem, ou não, satisfeitas com esta realidade que reconfigura o seu papel de crianças e de alunos.

**Maria Cristina Antunes**  
*Universidade do Minho, IE*  
**Fernando Ilídio Ferreira**  
*Universidade do Minho, IE*

#### **Sessão D**

##### **Novos comportamentos, velhos estereótipos? A imagem da mulher moderna na publicidade televisiva brasileira.**

O artigo se propõe a fazer uma investigação sobre o comportamento feminino que actualmente está sendo divulgado na publicidade televisiva brasileira. O discurso publicitário caracteriza-se pela sedução de um público-alvo. Para atingir a sua finalidade comercial, esse discurso deve criar uma identificação entre o produto a ser vendido e seu público-alvo, de modo a seduzi-lo constantemente para que o mesmo não volte o seu foco ao mercado concorrente. Desse modo, como os publicitários podem atingir o público feminino? Qual será a imagem ideal capaz de causar identificação nas mulheres e despertar o seu interesse pelo produto anunciado? Entre os métodos publicitários utilizados para atingir este objectivo, encontram-se o uso de estereótipos de género femininos. Levando em consideração que o papel social da mulher vem mudando ao longo dos anos, o objetivo principal deste estudo consiste em saber se o uso deste novo retrato feminino na publicidade tem por finalidade ou não a substituição dos antigos estereótipos de género usados pelos media por novos estereótipos ou se os mesmos continuam a ser reproduzidos com adaptações. A metodologia utilizada foi a Análise de Conteúdo, realizada através de uma seleção ao acaso de anúncios veiculados nos últimos três anos (2009, 2010 e 2011), no canal brasileiro de maior audiência: a rede Globo de Televisão. Ao todo, 18 spots foram analisados televisivos, seguindo uma ordem crescente de veiculação destes anúncios e apresentaram como item obrigatório de análise à presença de protagonistas femininos, com características que possam ser consideradas modernas, seja em nível comportamental ou profissional. As campanhas publicitárias selecionadas neste artigo foram consideradas polémicas pelos media, com várias reportagens sobre o assunto, e as marcas foram: Hope Ensina – da Hope; Avó Moderninha – das Havaianas; Mulheres Evoluídas – da Bombril, Eu voltei – da Sky e Multimulher – da Mabe, No final, percebe-se que as mulheres de hoje ainda não constituíram um novo paradigma comportamental. O que se sabe que é que o modelo antigo de comportamento não serve mais, todavia, ainda não há um novo modelo a ser seguido. O que nos leva a acreditar que a mulher de hoje pode valer-se dos mais diversos padrões para adaptarem-se as condições a que são sujeitas quotidianamente.

O artigo busca também ponderar aspectos da relação entre a publicidade e a sociedade, apresentando observações sobre como as representações sobre feminilidade, consumo e o papel da mulher moderna na sociedade de hoje encontram-se interligados.

**Simone Araújo**  
*Universidade do Minho*

##### **A Televisão em tempos de Crise: representações, discursos e soluções na realidade da TV.**

Nas últimas décadas, a televisão tornou-se o principal veículo de informação sobre o “mundo real”. A sua capacidade de comunicar simultaneamente com inúmeros indivíduos torna a realidade televisiva amplamente aceite. Porém, a televisão não mostra o mundo “tal como ele é”; em vez disso, projeta uma certa maneira de entender e representar a realidade. Esta forma de ver o mundo está diretamente relacionada com alguns aspetos socioculturais dominantes na cultura contemporânea, como a crença na ciência e na tecnologia, a defesa dos valores democráticos, a individualização da sociedade e a satisfação dos desejos e das necessidades através do consumo. Recentemente, a ideia de crise e os conflitos sociais têm marcado a atualidade mediática e a televisão não escapa a essa tendência. Podemos questionar até que ponto a TV se limita a dar conta de existência de uma crise socioeconómica ou se, por outro lado, esta crise é fundamentalmente vivida e experienciada no próprio consumo televisivo. As representações do real que a televisão projeta, sobretudo ao nível da informação, são apresentadas como realidades concretas. No entanto, como sugere Baudrillard (1981), estas são, acima de tudo, simulacros em som e imagem da realidade, que assentam em modelos do real auto-reflexivos e que se produzem e reproduzem continuamente, gerando o que se pode chamar de hiper-realidade. O que aqui apresento é uma tentativa de definir os parâmetros gerais deste modelo de realidade, os seus princípios e conteúdos, as suas diferentes formas, os distintos tipos de discurso que engloba e as suas estratégias de ação. Parto de uma análise empírica que realizei entre Dezembro de 2010 e Fevereiro de 2011, a partir da visualização da programação diária de cada um dos canais da Radio Televisão Portuguesa (RTP1 e RTP2), abrangendo todos os dias da semana, num total de 14 dias, com um registo descritivo dos conteúdos de programas, seus convidados e outros participantes. Posteriormente, procedi à construção de categorias de análise e tratamento estatístico dos dados,

agrupando os dados empíricos em géneros e categorias, com vista a permitir perceber quais os temas dominantes nos diversos tipos de programa e de onde provém a maioria dos discursos apresentados na televisão. Este trabalho permitiu-me registar, num contexto específico e localizado, não só o que a televisão diz e mostra, mas também os diferentes modos de fazê-lo.

**José Pedro Arruda**

*Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, CES*

### **O senso comum da visibilidade e da comunicação: o esvaziamento do acontecimento comunicacional**

A visibilidade é o símbolo de status e poder na era digital devido à crescente ubiquidade das redes que potencializaram a natureza individualizada e competitiva da sociabilidade. Solidão e privacidade são ingredientes primários para a formação da personalidade individual, cf. Keen (2012), Winnicott (1963) e Marcondes Filho (2009), que defendem que temos uma parte em nós que não deve ser compartilhada, tampouco comunicada; uma parte importante para a manutenção do si-mesmo. Observa-se o crescimento de certos “senso comuns” que organizam tanto a organização da vida individual e quanto a realização da sociabilidade, ou seja, pautam a vida *online* e *offline*. Esse “senso comum” manifesto tanto nos usuários como nos arquitetos destas plataformas é que estar rede e compartilhar seja comunicar. Esse entendimento é consequência da aplicação de um conceito raso de sociedade e de comunicação, diretamente relacionado à exposição da privacidade, à obrigatoriedade de ser visto e à matematização da comunicação: quanto mais se compartilha mais se comunica. Ao compreender a comunicação como o ato de compartilhar e dividir informações, essa idealização de que o ‘tornar comum’ facilita o reconhecimento dentro desta teia (web) torna as plataformas digitais como um sinónimo empírico das relações sociais. Sendo assim, ignora-se o Acontecimento comunicacional, ou seja, a comunicação como um fenómeno capaz de produzir sentido e como algo nem sempre realizado. Adicionada a esta questão, a sociabilidade deixa de ser uma experiência para se tornar uma representação, pois a inclusão nessas plataformas é a premissa para a existência social. Consequentemente, a competência social se desloca da capacidade de conviver na coletividade para o reconhecimento numérico digital, como uma necessidade de comprovação existencial por números de visitas, comentários, curtidas e amigos. Esta justaposição entre as relações sociais e a comunicação como compartilhamento de informações gerais é um ponto problemático a nosso ver, pois esvazia a subjetividade do sujeito, pois as experiências tornam-se mediadas e quase oníricas, e dificultam o Acontecimento da comunicação e a produção de sentido.

**Lauren Ferreira Colvara**

*Universidade de S.Paulo, ECA*

### **Tempos sociais no mundo educacional contemporâneo exigem rutura com paradigma excludente: resultados de um estudo de caso sobre desenvolvimento profissional docente**

Dentro da temática proposta, debruçar-nos-emos sobre a perspectiva educacional que, do nosso ponto de vista, deve ser equacionada de uma forma social, equitativa e justa, no mundo contemporâneo, atenuando crises, fases e ruturas a que este está sujeito. Ou seja: o fosso das desigualdades no mundo atual tende a aumentar a cada dia e os problemas sociais que daí advêm refletem-se, inevitavelmente, nas famílias e nas escolas. É papel dos professores e da escola, estamos em crer, restituir a igualdade de oportunidades a todas as crianças, independentemente da sua origem, crenças, características individuais e crises do seu tempo/mundo. O trabalho que desenvolvemos, no âmbito de um projeto de doutoramento, é um estudo de caso sobre a formação contínua de professores como resposta para esta equidade e consequente sucesso educativo; um projeto de investigação-ação que decorreu entre os anos 2009 e 2012 e que teve como principal objetivo promover o desenvolvimento profissional de um grupo de professores, na área da avaliação das aprendizagens dos alunos, competências TIC e diferenciação pedagógica, observando as mudanças operadas nas suas conceções e praxis, no sentido de uma educação mais inclusiva e atendente à diversidade. Desta forma, a questão central do estudo foi: “Como pode o nosso projeto de formação contribuir para a evolução/ mudança/ desenvolvimento profissional dos docentes no sentido de uma prática mais diferenciada e atendente à diversidade e sucesso educativo?”. Os resultados obtidos e conclusões subsequentes são muito interessantes e confirmam a nossa hipótese inicial de que os professores são, nos tempos (sociais) e mundo em que vivemos, cada vez mais competitivo e desigual numa tendência neoliberal internacional, uma peça-chave na promoção da equidade e sucesso educativos, restabelecendo a igualdade de oportunidades que a muitas crianças é negada logo à nascença, dependendo da sua inserção económica, social e cultural. Confirmamos, também, que uma formação continuada, apoiada numa racionalidade prática e crítica, com bases na reflexão, ação, colaboração e partilha, é uma resposta capaz para a valorização/preparação dos professores para estes novos tempos sociais e mundo contemporâneo, onde as crises, as fases e as ruturas não podem e não devem hipotecar o futuro de crianças e jovens. Concluindo, a nossa proposta para lidar com as crises e/ou fases educacionais do mundo contemporâneo, dando resposta aos tempos sociais em que vivemos, é, ela própria, uma rutura: com o paradigma tradicional/hegemónico/excludente do ensino, com a perspectiva meritocrática da escola e com a racionalidade meramente técnica da formação contínua de professores.

**Sandra Cardoso**

*Universidade de Santiago de Compostela*

**Lourdes Montero**

*Universidade de Santiago de Compostela*

**Teresa Esteban**

*Universidade Federal Fluminense*

### **A caminho entre a escola e o trabalho: Uma linha reta que se encruzilha nas malhas do «Tempo»**

Vivemos num mundo complexo, híbrido, dinâmico e hiper-reflexivo, um mundo onde o «Tempo» é uma das personagens principais entre tantas outras, essas que influenciam as nossas narrativas, experiências, percepções, o nosso fluir, o modo como nos posicionamos, as estratégias que adotamos, as escolhas que fazemos e os caminhos que seguimos. E por muito que o queiramos não podemos deixar de ter consciência que as nossas temporalidades, as nossas, as do Ser Humano, são definidas nesse contexto, híbrido, complexo, dinâmico e reflexivo. É se para o ser humano o «Tempo» é uma «marca» que deixa marca, é porque no fundo essa categoria é tão marcante que não lhe darmos o devido valor é negar toda uma existência, toda uma história. Gostaríamos de aproveitar esta oportunidade para debater o modo como as migrações internas nos ajudam a perceber que na «Era das Migrações», a Vida das Pessoas é fortemente marcada por ruturas, desconexões, que tanto celebram a união como a separação, que tanto deriva de uma crise contextualizada numa fase de transição, que implica desenlaces, como processos recíprocos de distanciamento (migração para os agregados urbanos) e reaproximação (o revistar do que ficou para trás: família, amigos de infância, uma cultura local, entre outros). Com base nos nossos estudos sociológicos assentes numa abordagem metodológica qualitativa e num enquadramento teórico meso sociológico centramos-nos num processo específico: a transição entre a escola (obrigatória ou universitária) e o trabalho/ocupação laboral, enquanto uma fase essencial na vida dos jovens (pelas suas mais compreensíveis razões), transição essa que, no contexto que abordamos, assume-se como um processo vital para compreendermos porquê e como essa transição implica tantas ruturas, «crises» e reflexividade, tornando-se essa fase fulcral para compreendermos como se constroem narrativas, como essas narrativas influenciam as biografias dos jovens, as suas identidades e como se dita a posição que se assume na contemporaneidade possível, que para Karl Popper não é mais do que o ponto onde localizamos a nossa existência (o aqui e o agora), essa existência que é o Tempo que nos define, que nos molda e nos impulsiona/retrai a sermos quem aspiramos, sonhamos ou idealizamos. No fundo o que pretendemos argumentar é que a transição entre a escola e o trabalho é mais do que uma fase, é todo o processo de redefinição de identidades, do modo como os jovens se posicionam temporalmente e como essa posição contribui para a construção de narrativas compostas por múltiplas realidades e enredos temporais.

**Paulo Baronet**

*Santa Casa Misericórdia Castro Daire*

### **Construcciones y usos del tiempo en Terapia Intensiva**

*Tiempo y espacio* son categorías de la experiencia humana, construidas en contextos particulares, y como tales expresan formas en que reconocemos *prácticas*. La concepción y el empleo del tiempo están relacionados de modo dialéctico con la manera de construir la identidad, la vida cotidiana y las prácticas sociales, por ello, los sistemas temporales conforman instrumentos de interacción social, de coordinación y de sincronización entre las personas. Partiendo de éstas premisas, me propuse estudiar etnográficamente la vida en una Unidad de Cuidados Intensivos (UCI) de un Hospital Público de la Ciudad de Buenos Aires a fin de analizar los usos y percepciones del tiempo que se construyen en éste campo. Las UCI parecen ser un ejemplo que contradice algunos de los criterios que definen al tiempo moderno, ya que son espacios del servicio de salud en donde la dimensión temporal aparece supeditada a los ritmos de las funciones vitales de las personas internadas. Es en la materialidad del cuerpo de los pacientes y el monitoreo de sus funciones vitales donde se anclan las prácticas de las personas involucradas en su *cuidado*. Las tareas ordenan algunas actividades y derroteros de agentes por la UCI y suelen ser “inamovibles”. Pero lo cierto es que a éstas actividades se yuxtaponen eventos vinculados a la particularidad de cada paciente que presenta un cuadro crítico en constante cambio. Las *disrupciones* o *discontinuidades* (dadas por el ingreso, salida o descompensación de un paciente) muestran, tanto el lado flexible de los hábitos y rutinas, como la significación atribuida al tiempo. Esta significación se desarrolla -como las demás dimensiones de la vida social- dentro de marcos normativos, y por lo tanto, también funciona como un dispositivo de *jerarquización* de sujetos y de grupos. Estas coyunturas específicas son interpretadas constantemente y se puede entrever la emergencia y confrontación de *valores morales* que intervienen en la construcción de jerarquías de saberes y prácticas, y por lo tanto, de los sujetos que las encarnan. Entonces, ¿Se percibe de la misma manera el tiempo en las UCI que fuera de ellas? ¿Mediante qué mecanismos se construyen *temporalidades* al interior de la UCI? ¿Qué estructuras normativas se ponen en juego durante una emergencia? ¿Qué particularidad adquieren las prácticas de cuidado cuando el peligro es omnipresente? ¿Cómo opera la categoría de tiempo en la jerarquización de saberes y prácticas durante una emergencia? Son algunas de las preguntas que intento responder en éste artículo.

**Magdalena Camejo**

*Universidad de Buenos Aires*

### **Misticismo e Alteridade. A confissão como prática autobiográfica. O caso de José Régio**

Captar a sua própria vida, historicamente, na sua finitude, implica distanciamento e interpretação. Compreender a vida como uma narrativa, decifrá-la como um texto, exige, num primeiro momento, a distância crítica face ao fluir ininterrupto dos acontecimentos. Entre o indivíduo e os diferentes processos identificatórios interpõem-se definitivamente a linguagem, a tradição e a cultura. Em determinados momentos de crise social, as questões ligadas à identidade tornam-se particularmente sensíveis e o sujeito, que vive/sofre essas contradições, deve resolvê-las de forma a dar sentido à sua vida. A desorganização de uma ordem ou a desagregação de uma estrutura implica também desestruturação da identidade individual e coletiva, que a construção de uma nova identidade restabelece, às expensas de uma, por vezes, penosa caminhada, através do mundo da linguagem e dos símbolos. Nesta comunicação pretendo analisar, em primeiro lugar, os conceitos de autobiografia, autorretrato e confissão. Numa segunda parte, tentarei demonstrar as relações existentes entre o misticismo e o processo de subjetivação. Várias explicações foram dadas para explicar o fenómeno místico. Às explicações patológica, psicológica e sociológica, avançadas por Roger Bastide, acrescento a tese de Emmanuel Levinas sobre a alteridade que, na minha perspectiva, responde de forma coerente e adequada à problemática do misticismo como demanda identitária. A obra de José Régio, “Confissão de um Homem Religioso”, narrativa autobiográfica que descreve a sua relação ambígua com a tradição cultural do seu tempo, servir-nos-á de exemplo.

**Maria Mota**

*Conservatório de Música Calouste Gulbekian de Braga*

### **Autopoiesis, cognição e educação:**

#### **Implicações sociofamiliares do construtivismo radical**

Poder de criar ou construir, *poiesis* abrange a poesia, o pensamento e a capacidade criativa, bem como a produção manual. Existem imensos conceitos com o prefixo *auto* (*self*, si mesmo), a ser discutido em seguida: a auto-organização ou *autopoiesis* nos seres humanos, destacada por Humberto Maturana e colaboradores. Palavras e concepções científicas *mais* heurísticas de resolução de problemas e descoberta/invenção de “problemas” podem levar-nos ao *mundo de imaginação e de ilusão*, para além de *apontarem* no sentido do mundo da experiência perceptiva: cheirar, ver, ouvir, tocar, saborear, sentir... A reconstrução/criação de recordações preside a quem investigue conflitos familiares ou a quem reflita enquanto *tome o cheiroso café da manhã como naquele dia, na praia...* Pretende-se aprofundar experiências concretas, linguagens e realidades abstratas, ainda que inferidas de mudanças familiares e sociais *vividas*. Dois pressupostos teóricos ou princípios da teoria de *autopoiesis* são os seguintes: “aprender é viver”, integrado algo novo no *velho conhecimento*; e “tudo o que é dito é dito por um observador” (Maturana & Varela, 1980, p. 8). Essa é uma abordagem biológica de elucidação dificultada, quando aplicada a sistemas sociais ou até à natureza da linguagem e à *observação* epistémica: «quem sabe?» Propomo-nos expor o domínio e modo de lidar com as interações do ser humano no seu meio – a plasticidade estrutural humana nas relações íntimas, constrangedoras e libertadoras: o paradoxo plástico que nos faz mudar e nos chegue a levar a rigidez maior. Famílias e escolas necessitam de ser perturbadas, na medida em que deixem de verbalizar somente o que *vá mal*. As atividades criativas e reflexivas de jovens e adultos implicam a transformação de estruturas previamente existentes em algo inovador e a perturbação (por confronto) *moverá pessoas* para outros modos de estruturação e visões do mundo antes inéditas.

**Judite Maria Zamith Cruz**

*Universidade do Minho, IE*

#### **Temporalidades alimentares em mudança**

Nesta comunicação analisaremos as mudanças nas temporalidades alimentares em Cascais a partir das narrativas de vinte e nove grupos domésticos. Concentrando-nos nos conceitos de “tempo social alimentar” e de mudança, veremos como o tempo da vida quotidiana dedicado à alimentação está repleto de sinais de rutura, descontinuidade, restauração e regresso, fragmentação e interrupção. Como se entrelaçam o tempo natural, o tempo biológico, o tempo social e o tempo tecnológico nas diferentes fases do sistema alimentar desde a produção ao consumo das refeições, ao longo dos processos de aprendizagem intergeracional e de tecnificação da alimentação moderna. Como se reconfiguram as representações do tempo alimentar nos discursos dos nossos entrevistados e nas relações sociais em momentos de “crise”? De que modo o tempo e as temporalidades alimentares integram os reportórios de legitimação da experiência alimentar moderna? Que estratégias alimentares são desencadeadas para superar fases de “crise”? Procuraremos dar resposta às perguntas equacionadas, demonstrando a relevância dos ritmos temporais nas diferentes fases do sistema alimentar, na divisão do tempo doméstico, tempo laboral e o tempo de lazer, um tempo mediado pelas tecnologias numa sociedade em mudança. Foi possível verificar, nos grupos domésticos estudados, a presença de múltiplas configurações e a emergência de novas temporalidades alimentares nas refeições domésticas e extra-domésticas.

**Paula de Vilhena Mascarenhas**

*Universidade do Minho, CICS*